

AYÒBÁMI ADÉBÁYÒ

Finalista do
Baileys Women's Prize for Fiction

FICA COMIGO

«Surpreendente, cativante
e verdadeiramente encantador.»

Margaret Atwood

ELSINORE

Para a minha mãe, a Dra. Olusola Famurewa, que continua a fazer da
nossa casa um país encantado em que todas as divisões estão cheias
de livros, amor e gratidão.

E em memória do meu pai, o Sr. Adébáyò Famurewa, que nos deixou
uma biblioteca e um legado. Ainda sinto a tua falta.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

JOS, DEZEMBRO DE 2008

Tenho de deixar hoje a cidade e ir ao teu encontro. Tenho as malas feitas e as divisões vazias lembram-me que devia ter partido há uma semana. Desde a última sexta-feira, o Musa, o meu motorista, tem dormido todas as noites na guarita do segurança, à espera que o acorde de manhã para podermos arrancar a horas. Mas as minhas malas ainda esperam na sala, ganhando pó.

Ofereci às cabeleireiras que trabalhavam no meu salão a maior parte do que aqui comprei — mobília, aparelhos elétricos, até coisas da casa. De modo que passei todas as noites da última semana às voltas nesta cama, sem uma televisão que me abreviasse as horas de insónia.

Tenho uma casa à minha espera em Ife, mesmo à saída da universidade onde nos conhecemos. Imagino-a agora, uma casa não muito diferente desta, com as suas muitas divisões desenhadas para albergar uma grande família: o marido, a mulher, os vários filhos. Devia ter partido no dia a seguir a terem desmontado os secadores. O plano era passar uma semana a preparar o meu novo salão e a mobilar a casa, queria ter a vida em ordem antes de voltar a ver-te.

Não é que me tenha ligado a este lugar. Não vou sentir a falta dos poucos amigos que fiz, das pessoas que não conhecem a mulher que era antes de vir para cá, dos homens que ao longo destes anos pensaram estar apaixonados por mim. Quando partir, provavelmente nem me vou lembrar daquele que me pediu em casamento. Ninguém aqui sabe que ainda estou casada contigo. Só lhes conto parte da história: era estéril e o meu marido casou com outra. Nunca ninguém sondou mais do que isso, pelo que nunca lhes falei dos meus filhos.

Quero partir desde que assassinaram os três jovens do programa do National Youth Service. Decidi fechar o cabeleireiro e a joalheria antes mesmo de saber o que faria a seguir, antes de ter recebido o convite para o funeral do teu pai, espécie de mapa que me apontou o caminho. Memorizei os nomes dos três jovens e sei o que cada um deles estudou na universidade. A minha Olamide teria agora mais ou menos a idade deles, e também estaria a acabar a universidade por esta altura. Quando leio sobre eles, penso nela.

Akin, muitas vezes me pergunto se também pensas nela.

Embora não consiga dormir, todas as noites, quando fecho os olhos, tornam a mim fragmentos da vida que deixei para trás. Vejo as fronhas de batique das almofadas do nosso quarto, os nossos vizinhos e a tua família, que, por um erradio período de tempo, julguei ser também a minha. Vejo-te a ti. Esta noite vejo o candeeiro da mesa de cabeceira que me deste umas semanas depois de casarmos. Não conseguia dormir às escuras e tu tinhas pesadelos se deixássemos as luzes fluorescentes acesas. O candeeiro foi a solução que arranjaste. Compraste-o sem me dizeres que te tinha ocorrido arranjar um meio-termo, sem me perguntares se queria um candeeiro. E enquanto eu aflagava o pé de bronze e admirava os painéis de vidro colorido do quebra-luz, perguntaste-me o que é que levaria do edifício caso a nossa casa estivesse a arder. Não pensei nisso antes de dizer «o nosso bebé», apesar de ainda não termos filhos. «Algo», disseste tu, não «alguém». Mas parecias um tanto magoado, porque, quando julguei que me perguntavas por alguém, não pensei em salvar-te a ti.

Arrasto-me para fora da cama e dispo a camisa de dormir. Não vou perder nem mais um minuto. As perguntas a que preciso que respondas, que tenho entaladas na garganta há mais de uma década, aceleram-me o passo enquanto pego na mala e entro na sala.

Há 17 malas, prontas para irem para o carro. Fico a olhar para elas, recordando o conteúdo de cada uma. Se esta casa ardesse, o que levaria comigo? Tenho de pensá-lo, porque a primeira coisa que me ocorre é *nada*. Escolho a mala de fim de semana que tinha planeado

levar para o funeral e um saquinho de couro cheio de joias de ouro. O Musa pode trazer-me o resto da bagagem noutra altura.

E então é isto: 15 anos aqui e, embora a minha casa não esteja a arder, tudo o que levo é um saco de couro e uma muda de roupa. As coisas que importam estão dentro de mim, trancadas no meu peito como num túmulo, um sítio onde tudo pode permanecer, o meu cofre do tesouro em forma de caixão.

Saio de casa. O ar está gelado e o céu negro faz-se púrpura no horizonte à medida que o sol nasce. O Musa está encostado ao carro, a palitar os dentes. Cospe para dentro de uma chávena quando me aproximo e guarda o pequeno pau de mascar no bolso da camisa. Abre a porta do carro, trocamos um cumprimento e sento-me no banco traseiro.

O Musa liga o rádio e sintoniza uma estação. Decide-se por uma que inicia a emissão do dia com uma gravação do hino nacional. O segurança despede-se com um aceno de mão quando atravessamos a cerca do condomínio. A estrada estende-se à nossa frente, envolta num véu de escuridão que se vai transformando em alvorecida à medida que me conduz novamente até ti.

CAPÍTULO 2

ILESA, DE 1985 EM DIANTE

Já então intuía que tinham vindo artilhados para a guerra. Via-os através dos painéis de vidro da porta. Não pareceram dar por mim do outro lado, ali parada por todo um minuto. Queria deixá-los plantados lá fora, subir as escadas e voltar para a cama. Talvez derretessem e formassem charcos de lama castanha se ficassem tempo suficiente ao sol. O rabo da Iya Martha era tão grande que, derretido, ocuparia todo o espaço dos degraus de cimento que conduziam à nossa entrada.

A Iya Martha era uma das minhas quatro mães, a mulher mais velha do meu pai. O homem que com ela vinha era o Baba Lola, o tio do Akin. Estavam ambos de costas para o sol, curvados, e exibiam um cenho tão obstinadamente franzido que as expressões deles suscitavam repulsa. No entanto, assim que abri a porta interromperam a conversa e desfizeram-se em sorrisos. Imaginava as primeiras palavras que saíam da boca dela. Sabia que seriam uma qualquer demonstração exagerada de um vínculo que entre nós nunca existiu.

— Yejide, meu tesouro, minha filha!

A Iya Martha sorriu abertamente, apertando-me as bochechas com as suas mãos carnudas e húmidas.

Devolvi-lhe o sorriso e ajoelhei-me para a cumprimentar.

— Bem-vindos, bem-vindos. Hoje Deus deve ter acordado a pensar em mim-o. Foi por isso que vieram — disse, ajoelhando-me de novo, superficialmente, depois de entrarem e de se sentarem na sala.

Eles riram.

— Onde está o teu marido? Está em casa? — perguntou o Baba Lola, percorrendo a sala com os olhos como se eu tivesse escondido o Akin debaixo de uma cadeira.

— Sim, senhor, está lá em cima. Vou chamá-lo assim que vos servir alguma coisa de beber. O que querem que prepare para comer? Puré de inhame?

O homem lançou um olhar à minha madrastra, como se, durante os ensaios da farsa que estavam prestes a estrear, não tivesse lido aquela parte do guião.

A Iya Martha abanou muito a cabeça, negativamente.

— Não podemos comer. Vai chamar o teu marido. Temos coisas importantes para discutir convosco.

Sorri, saí da sala e dirigi-me para as escadas. Julgava saber que «coisas importantes» tinham vindo discutir. Já vários parentes do Akin tinham aparecido lá em casa para discutir aquele assunto. A discussão consistia neles a falarem e eu a ouvi-los, ajoelhada. Nessas ocasiões, o Akin fingia sempre ouvir e tomar notas, enquanto escrevia a lista das coisas que tinha para fazer no dia seguinte. Ninguém, em toda a série de delegações, sabia ler ou escrever, e todos sentiam admiração por quem soubesse. Impressionava-os que o Akin apontasse o que diziam. E às vezes, se ele parasse de escrever, a pessoa que falava nesse momento queixava-se da falta de respeito que o Akin demonstrava para com ela, ao não apontar nada. Frequentemente, o meu marido planeava toda a semana durante as visitas, enquanto eu ficava ali, a sentir umas câibras horríveis nas pernas.

Aquelas visitas irritavam o Akin e ele queria dizer aos familiares que se metessem na vida deles, mas eu nunca permitiria tal coisa. Sim, aquelas longas conversas provocavam-me câibras nas pernas, mas pelo menos sentia que fazia parte da família dele. Até àquela tarde, e desde que casara, ninguém da minha família me fizera qualquer visita daquele teor.

À medida que subi as escadas, percebi que a presença da Iya Martha implicava uma nova circunstância. Não precisava dos conselhos dela. Lá em casa estávamos ótimos, sem as coisas importantes que tivessem

para dizer. Não queria ouvir a voz rouca do Baba Lola a soar à força entre acessos de tosse, nem voltar a ver de rompante os dentes da Iya Martha.

Em todo o caso, achava que já tinha ouvido de tudo e estava certa de que o meu marido pensaria o mesmo. Surpreendeu-me encontrar o Akin acordado. Trabalhava seis dias por semana e passava o domingo quase todo a dormir. Mas quando entrei, encontrei-o a andar de um lado para o outro no quarto.

— Sabias que eles vinham cá hoje?

Perscrutei na sua cara aquele misto familiar de terror e irritação que exibia sempre que éramos visitados por uma delegação especial.

— Já chegaram?

Permaneceu quieto e agarrou as mãos atrás da cabeça. Nenhum terror, nenhuma irritação. Comecei a sentir o ar do quarto a ficar viciado.

— Sabias que eles vinham? E não me disseste nada?

— Vamos descer, pronto.

Saiu do quarto.

— Akin, que vem a ser isto? Que se passa? — gritei quando saiu.

Sentei-me na cama, apoiei a cabeça nas mãos e tentei respirar. Fiquei assim até ouvir a voz do Akin a chamar por mim. Desci à sala e aproximei-me dele com um sorriso, não desses grandes que mostram os dentes todos, arqueando apenas ligeiramente as comissuras dos lábios. Do tipo que dizia: «Mesmo que vocês, velhos, não saibam nada do meu casamento, estou encantada, não, extasiada por poder ouvir todas as coisas importantes que têm a dizer sobre o assunto. Afinal, sou uma boa esposa.»

A princípio não a vi, apesar de estar sentada na ponta da cadeira da Iya Martha. Tinha a pele clara, de um amarelo pálido como o interior de uma manga verde. Tinha os lábios finos revestidos por um batom vermelho como o sangue.

Inclinei-me na direção do meu marido. Tinha o corpo rígido e não me envolveu com os braços nem me puxou para perto de si. Tentei perceber de onde tinha saído a mulher amarela, perguntando-me por um absurdo minuto se, ao entrar, a Iya Martha a trouxera escondida debaixo do páreo.

— Mulher nossa, o nosso povo diz que, quando um homem possui algo e esse algo se converte em dois, o homem não se aborrece, não é assim? — disse o Baba Lola.

Assenti e sorri.

— Pois bem, mulher nossa, esta é a tua nova esposa. Um filho chama outro filho a este mundo. Quem sabe, talvez o rei celestial responda às tuas orações graças a esta mulher. Assim que ela engravidar e tiver um filho, temos a certeza de que tu terás outro — continuou o Baba Lola.

A Iya Martha acenou afirmativamente com a cabeça.

— Yejide, minha filha, dormimos sobre este assunto muitas vezes, e refletimos, eu e os parentes do teu marido. E as tuas outras mães.

Fechei os olhos. Estava prestes a acordar do transe. Quando abri os olhos, a mulher com aquele amarelo de manga ainda ali estava, um tanto difusa, mas ali. Sentia-me aturdida.

Já esperava que viessem falar-me do facto de ainda não ter quaisquer filhos. Estava armada com milhões de sorrisos. Sorrisos apolo-géticos, sorrisos pobre-de-mim, sorrisos valha-me-Deus. Pensem em todos os falsos sorrisos necessários para sobreviver a uma tarde inteira na companhia de um grupo de pessoas que afirmam querer o melhor para vocês enquanto vos vão remexendo na ferida, pois eu tinha-os todos preparados. Estava preparada para os ouvir dizerem-me que tinha de fazer alguma coisa, dada a minha situação. Esperava que me falassem de um novo pastor que podia visitar, uma nova montanha onde poderia ir rezar, ou um novo curandeiro numa qualquer aldeia ou vila remota que podia consultar. Estava armada com sorrisos para os lábios, um apropriado brilho de lágrimas para os olhos e fungares para o nariz. Estava preparada para fechar o cabeleireiro durante toda a semana seguinte e ir em busca de um milagre em comitiva com a minha sogra. O que não esperava era outra mulher, toda ela sorridente, na minha sala, uma mulher amarela de boca vermelha de sangue, que sorria de orelha a orelha como uma recém-casada.

Desejei que a minha sogra estivesse ali. Em toda a minha vida, fora a única mulher a que chamara *moomi*. Visitava-a mais frequentemente do que o filho. Ela testemunhara aquela vez em que um padre,

que tinha a teoria de que a minha mãe me amaldiçoara antes de morrer, minutos depois de me ter dado à luz, desfez a minha permanente num caudaloso rio. A *moomi* esteve ao meu lado quando passei três dias sentada numa esteira de oração, cantando sem parar palavras que não compreendia, até desmaiar, ao terceiro dia, abreviando o que deveriam ter sido sete dias de vigília e jejum.

Enquanto recuperava numa ala do Wesley Guild Hospital, deu-me a mão e pediu-me para rezar e pedir forças. «A vida de uma boa mãe é dura», disse. «Uma mulher pode ser uma má esposa, mas nunca uma má mãe.» A *moomi* contou-me que, antes de pedir a Deus que me desse um filho, deveria implorar pela graça de ser capaz de sofrer por esse filho. Disse-me que, se desmaiava ao terceiro dia de jejum, então ainda não estava preparada para ser mãe.

Percebi então que ela não tinha desmaiado ao terceiro dia porque provavelmente já passara por aquele tipo de jejum várias vezes, para comprazer Deus em nome dos filhos. Nesse momento, as rugas sulcadas à volta dos olhos e da boca da *moomi* tornaram-se-me sinistras. Começaram a representar, para mim, mais do que meros sinais de velhice. Aquilo destroçou-me. Queria ser algo que nunca fora. Queria ser mãe, que os meus olhos brilhassem de alegrias secretas e de sabedoria como os da *moomi*. No entanto, tudo o que ela dizia sobre o sofrimento era aterrador.

— A idade dela nem sequer é próxima da tua. — A Iya Martha chegou-se para a frente. — Porque eles gostam de ti, Yejide, os parentes do teu marido reconhecem o teu valor. Disseram-me que sabem que és uma boa esposa na casa do teu marido.

O Baba Lola tossiu, desobstruindo a garganta.

— Yejide, eu quero louvar-te pessoalmente. Quero agradecer-te pelos teus esforços para garantir que o nosso filho deixará descendência quando morrer. É por isso que sabemos que não vais receber esta nova esposa como uma rival. Chama-se Funmilayo e sabemos... confiamos... que a receberás como uma irmã mais nova.

— Uma amiga — disse a Iya Martha.

— Uma filha — disse o Baba Lola.

A Iya Martha deu umas palmadinhas nas costas da Funmi.

— *Oya*, vai cumprimentar a tua *iyale*.

Estremeci quando a Iya Martha se referiu a mim como *iyale* da Funmi. A palavra crepitava nos meus ouvidos: *iyale*, primeira esposa. Era um veredito que me assinalava como não sendo mulher que bastasse para o meu marido.

A Funmi veio sentar-se ao meu lado no sofá.

O Baba Lola abanou a cabeça.

— Funmi, ajoelha-te. Vinte anos após ter iniciado a sua viagem, o comboio encontrará sempre terra à sua frente. Nesta casa, a Yejide está à tua frente em todos os sentidos.

A Funmi ajoelhou-se, pôs-me as mãos nos joelhos e sorriu. As minhas morriam de vontade de lhe arrancar aquele sorriso da cara à estalada.

Virei-me para olhar para o Akin nos olhos, com a esperança de que, de algum modo, não fosse cúmplice daquela emboscada. O olhar dele fixou-se no meu numa silenciosa súplica. O meu sorriso, já de si forçado, desvaneceu-se. Uma violenta raiva enroscou os seus dedos à volta do meu coração. Senti uma pontada na cabeça, mesmo entre os olhos.

— Akin, tu sabias disto?

Falei em inglês, chutando para fora da conversa os dois velhos que só falavam ioruba.

O Akin não disse nada. Coçou a cana do nariz com o indicador.

Procurei em toda a sala algo em que concentrar a atenção. As brancas cortinas rendadas com debruados azuis, o sofá cinzento, o tapete a condizer que tinha uma nódoa de café que há mais de um ano andava a tentar limpar. A nódoa estava demasiado longe do centro do tapete para tapá-la com a mesa, demasiado longe da ponta para escondê-la com as almofadas. A Funmi tinha um vestido bege, do mesmo tom da nódoa de café, do mesmo tom da blusa que eu trazia vestida. Tinha as mãos mesmo abaixo dos meus joelhos, torneando-me as pernas nuas. Não era capaz de olhar para lá daquelas mãos, para lá das longas mangas onduladas do seu vestido. Não era capaz de olhar para a cara dela.

— Yejide, aproxima-te.

Não sabia ao certo quem é que tinha acabado de falar. Sentia a cabeça a ferver, cada vez mais quente, à beira de explodir. Podia ter sido qualquer um a proferir aquelas palavras: a Iya Martha, o Baba Lola, Deus. Queria lá saber.

Virei-me de novo para o meu marido.

— Akin, tu sabias disto? Sabias e não me podias contar. Sabias? Seu filho da puta. Depois de tudo o que passámos! Desgraçado, filho da puta!

O Akin agarrou-me a mão antes de eu a fazer estourar na sua face.

Não foi o escândalo no grito da Iya Martha a deter as minhas palavras, mas a ternura com que o polegar do Akin me acariciou a palma da mão. Afastei os olhos dos seus.

— O que é que ela está a dizer?

O Baba Lola pediu à nova esposa que traduzisse.

— Yejide, por favor.

O Akin apertou-me a mão.

— Ela diz que ele é um filho da puta — traduziu a Funmi num sussurro, como se as palavras escaldassem e pesassem demasiado na sua boca.

A Iya Martha soltou um grito e tapou a cara com as mãos. Não me impressionei com o seu teatro. Sabia que, por dentro, toda ela regozijava. Tinha a certeza de que passaria semanas a relatar repetidamente o que acabara de ver às restantes mulheres do meu pai.

— Não deves insultar o teu marido, minha filha. Aconteça o que acontecer, continua a ser o teu marido. Que mais queres que faça ele por ti? Não foi por ti que arranjou um apartamento para a Funmi, quando tem aqui um duplex enorme?

A Iya Martha varreu a sala com o olhar, estendendo as palmas das mãos para sublinhar o tamanho do duplex, para o caso de me ter escapado a referência à casa cuja metade da renda pagava todos os meses.

— Vá lá, minha Yejide. Tens de estar agradecida ao teu marido.

A Iya Martha parou de falar, mas a sua boca continuava aberta. Se alguém se aproximasse o suficiente, sentiria o insuportável fedor

que aquela boca expelia, como que a urina estagnada. O Baba Lola optara por se sentar a uma distância segura.

Eu sabia que esperavam que me ajoelhasse, que inclinasse a cabeça como uma aluna de castigo e pedisse desculpas por insultar o meu marido e a mãe de uma assentada. Eles teriam aceitado as minhas desculpas, eu poderia ter culpado o demónio, o calor ou o facto de as minhas tranças acabadas de fazer estarem demasiado apertadas, me causarem dor de cabeça e me forcarem a faltar ao respeito ao meu marido à frente de todos. Sentia o corpo todo tenso como uma mão artrítica, e era-me completamente impossível obrigá-lo a adotar a posição que se negava a adotar. De modo que, pela primeira vez na minha vida, ignorei o descontentamento de um parente do Akin e levantei-me quando era suposto ajoelhar-me. Senti-me a crescer uns centímetros, esticando-me tanto quanto a minha altura permitia.

— Vou preparar a comida — anunciei, recusando-me a voltar a perguntar-lhes o que queriam comer.

Agora que tinham apresentado a Funmi, já era aceitável para o Baba Lola e para a Iya Martha ficarem para comer. Não estava disposta a fazer uma comida diferente para cada pessoa, pelo que lhes servi o que me apeteceu. Dei-lhes sopa de feijão. Misturei os feijões de há três dias, que pensara deitar fora, com a sopa acabada de cozinhar. Apesar de estar certa de que reparariam que a mistura sabia ligeiramente mal, para comerem tudo contei com a culpa que o Baba Lola mascarava com a sua indignação pelo meu comportamento e com o júbilo que a Iya Martha escondia debaixo das suas mostras de consternação. Para ajudar a comida a descer-lhes pelas gargantas, ajoelhei-me e pedi desculpa aos dois. A Iya Martha sorriu e disse que se teria recusado a comer caso eu insistisse em comportar-me como uma vadia. Voltei a pedir-lhe desculpa e, por precaução, abracei a mulher amarela. Ela cheirava a óleo de coco e baunilha. Bebi uma garrafa de malte enquanto os via comer. Fiquei desapontada por o Akin não querer comer nada.

Quando se queixaram de que teriam preferido puré de inhame com estufado de vegetais e peixe seco, ignorei o olhar do Akin. Noutra dia qualquer teria voltado para a cozinha para moer inhame. Mas

naquela tarde só me apetecia dizer-lhes que, se queriam assim tanto puré de inhame, que se levantassem e fossem triturá-lo eles. Engoli com goles de malte as palavras que me ardiam na boca e disse-lhes que não podia preparar o puré porque no dia anterior fizera uma entorse na mão.

— Mas não foi isso que disseste quando chegámos. — A Iya Martha coçou o queixo. — Tu é que nos falaste do puré de inhame.

— Não se deve ter lembrado da entorse. Ontem doía-lhe muito. Até pensei levá-la ao hospital — disse o Akin, encobrindo a minha mentira bastante óbvia.

Devoraram os feijões como crianças famintas, e aconselharam-me a ir ao hospital tratar da mão. A Funmi foi a única a torcer o nariz à primeira colherada de feijões e olhou para mim com suspicácia. Os nossos olhares cruzaram-se e ela lançou-me um sorriso rasgado e rubro.

Quanto levantei os pratos vazios, o Baba Lola explicou-nos que não tinha a certeza de quanto tempo duraria a visita, pelo que não se dera ao trabalho de combinar com o taxista que os trouxera para os vir buscar. Assumi, como costumam fazer os parentes, que o Akin se encarregaria de os levar a casa.

Chegou depressa a hora de o Akin os levar a todos. Acompanhei-os até ao carro, enquanto o Akin chocalhava as chaves no bolso das calças e perguntava se lhes parecia bem o caminho que pensara fazer. Queria deixar primeiro o Baba Lola em Ijale Street e depois levaria a Iya Martha a Ife. Reparei que não mencionou onde vivia a Funmi. Depois de a Iya Martha ter dito que o caminho que o meu marido propunha era a melhor opção, o Akin abriu o carro e sentou-se no lugar do condutor.

Reprimi o impulso de puxar os caracóis *jheri* da Funmi quando ela deslizou para o banco da frente, ao lado do meu marido, e atirou para o chão a pequena almofada que eu levava sempre ali. Cerrei os punhos enquanto o Akin se afastava ao volante e me deixava ali sozinha, no meio da nuvem de poeira levantada pelo carro.

*

— O que é que lhes deste de comer?! — disparou o Akin.

— Casado-de-fresco, bem-vindo de volta! — respondi.

Tinha acabado de jantar. Levantei os pratos e dirigi-me para a cozinha.

— Sabes que estão todos com diarreia? Tive de parar num matagal para cagarem. Num matagal! — disse ele, seguindo-me até à cozinha.

— E o que tem isso assim de tão estranho? Ou agora os teus familiares têm sanitas em casa? Não cagam em matagais e em montes de esterco? — berrei, atirando os pratos para a pia de metal.

Ao som da loiça a partir-se seguiu-se o silêncio. Um dos pratos ficou partido ao meio. Passei o dedo pela superfície rachada. Senti-a a rasgar-me a pele. O sangue manchou com pequenas gotas a borda irregular.

— Yejide, tenta compreender. Sabes que não te vou magoar — disse ele.

— Que língua é que estás a falar? É hauçá ou chinês? Eu cá é que não te percebo. Começa a falar uma língua que eu perceba, ó senhor casado-de-fresco.

— Para de me chamar isso.

— Eu chamo-te o que entender. Pelo menos, enquanto ainda fores meu marido. Ah, mas talvez já não sejas outra vez meu marido. Também perdi essa notícia? Devo ligar o rádio ou passou na televisão? Saiu no jornal?

Atirei o prato partido para o caixote do lixo de plástico que havia ao lado da pia. Dei meia-volta para o encarar de frente.

Tinha a testa brilhante, com gotas de suor a escorrerem-lhe pelas faces e acumulando-se-lhe junto ao queixo. Tamborilava um pé ao ritmo de um qualquer compasso furioso que tinha dentro da cabeça. Os músculos da cara dele acompanhavam esse mesmo ritmo, enquanto contraía e relaxava a mandíbula.

— Chamaste-me filho da puta à frente do meu tio. Faltaste-me ao respeito.

A fúria da sua voz sacudiu-me, indignou-me. Tinha imaginado que a vibração do seu corpo significava que estava nervoso, normalmente era assim. Tinha a esperança de que se sentisse arrependido, culpado.

— Trazes-me outra mulher cá a casa e tu é que ficas zangado? Quando é que casaste com ela? No ano passado? No mês passado? Quando é que planeavas contar-me? Hã? És um...

— Não te atrevas, mulher, não digas isso. Precisas que te feche a boca a cadeado.

— Bom, visto que não tenho nenhum, vou dizer-te, és um grandíssimo...

O Akin tapou-me a boca com a mão.

— Está bem, desculpa. Estava numa situação difícil. Sabes que nunca te enganaria, Yejide. Tu sabes que eu não consigo, não consigo fazer isso. Juro.

Desatou a rir. Era um som requebrado e patético.

Afastei a mão dele da minha cara. Ele aferrou-se-me à mão, esfregando nela a palma da sua. Só me apetecia chorar.

— Tens outra mulher, pagaste à família dela o preço que pediam por ela e ajoelhaste-te à sua frente. Acho que isso já é enganar.

Levou a palma da minha mão ao seu coração. Estava acelerado.

— Isto não é enganar-te. Não tenho nenhuma mulher nova. Confia em mim, é para o nosso bem. A minha mãe nunca mais te vai pressionar para que tenhas filhos — sussurrou.

— Disparates, tretas. — Afastei violentamente a mão dele e saí da cozinha.

— Se isso faz com que te sintas melhor, a Funmi não foi a tempo de ir ao matagal. Sujou o vestido todo.

Não me senti melhor. Não me sentiria melhor durante muito tempo. Naquele momento, já me estava a desfazer, como o nó de um lenço atado à pressa que vai afrouxando pouco a pouco, até acabar no chão, caído, antes de a mulher que o usa dar por isso.

CAPÍTULO 3

A Yejide foi feita num sábado. Quando Deus tinha tempo de sobra para a pintar de um ébano perfeito. Não tenho a menor dúvida. A obra acabada é prova viva disso.

Da primeira vez que a vi, quis tocar-lhe no joelho coberto de ganga, dizer-lhe logo ali:

— Chamo-me Akin Ajayi. Vou casar contigo.

Era naturalmente elegante. A única rapariga da fila que não estava refastelada no seu lugar. De queixo levantado, não se inclinava para um dos lados para se apoiar nos braços cor de laranja da cadeira. Sentada, direita, de ombros retos, as mãos entrelaçadas em frente ao abdómen nu. Não podia acreditar que não dera por ela na fila para a bilheteira no andar de baixo.

Olhou de viés para o seu lado esquerdo minutos antes de apagarem as luzes. Os nossos olhos cruzaram-se. Não afastou os seus, como eu imaginara que faria, e endireitei-me vendo-a a observar-me. Olhou-me de cima a baixo, tirou-me as medidas. Vê-la a sorrir-me, pouco antes de voltar a cara para o ecrã enorme do cinema, soube-me a pouco. Queria mais.

Não parecia consciente do efeito que causava, alheia ao modo como eu a fitava boquiaberto, pensando já nas palavras que a convenceriam a sair comigo.

Infelizmente, não consegui falar logo com ela. As luzes apagaram-se no preciso instante em que acabara de achar as palavras que procurava. E a rapariga com quem andava a sair nessa altura estava sentada entre nós.

Acabei com a rapariga nessa mesma noite, logo após o filme. Fi-lo quando ainda estávamos no átrio do Oduduwa Hall de Ife, enquanto a maré de espetadores que viera ver o filme fluía ao nosso lado.

Disse-lhe:

— Por favor, arranja uma maneira de voltares para a tua residência. Vemo-nos amanhã.

Juntei as mãos com força, num pedido de desculpas, embora não sentisse qualquer arrependimento. Nunca me arrependeria. Deixei-a ali plantada com a boca ligeiramente aberta.

Avancei aos safanões pelo meio da multidão. Procurava uma beldade de calças de ganga, sandálias de plataforma e uma t-shirt branca que mostrava o umbigo numa barriga lisa. Encontrei-a. A Yejide e eu estávamos casados antes do fim desse ano.

Amei a Yejide desde o momento em que a vi. Não tenho a menor dúvida. Mas há coisas de que nem o amor é capaz. Antes de casar, achava que o amor conseguia fazer fosse o que fosse. Não demorei a aprender que não conseguia suportar o peso de quatro anos sem filhos. Se a carga é demasiado pesada e duradoura, até o amor verga, fende-se, quebra-se quase, e às vezes realmente parte-se. Mas, mesmo desfeito em mil estilhaços espalhados pelo chão, não significa que já não seja amor.

Ao cabo de quatro anos, já ninguém queria saber do amor. A minha mãe não queria. Falava-me da responsabilidade que tinha para com ela enquanto primogénito. Recordava-me os nove meses durante os quais o único mundo que eu se encontrava estava dentro dela. Repetia as penúrias dos últimos três meses de gravidez. Repetia que era incapaz de achar uma posição confortável na cama e que tinha de passar as noites num cadeirão almofadado.

A *moomi* não demorou a falar-me do Juwon, meu meio-irmão, o primeiro filho da segunda mulher do meu pai. Há anos que a *moomi* o usava como exemplo. Quando eu era muito novo, ela estava sempre a falar dele. «O Juwon nunca chega a casa com o uniforme sujo. Como é que sujaste a camisa? O Juwon nunca perdeu as sandálias da escola. Este é o terceiro par que perdeste este período. O Juwon chega sempre a casa antes das três. Onde é que tu vais depois da escola? Como é que

o Juwon chega a casa com prêmios e tu não? És o primogénito desta família, sabes o que isso significa? Fazes ideia do que isso significa? Queres que ele te roube o lugar?»

Deixou de falar do Juwon quando ele decidiu arranjar um trabalho depois da secundária por a mãe não conseguir pagar-lhe as propinas da universidade. Acho que a *moomi* sentia que um rapaz que andava a aprender carpintaria não poderia, jamais, estar à altura dos seus filhos universitários. Durante anos, nunca mais falou do Juwon, e dava a impressão de se ter desinteressado da sua vida até ao dia em que me disse que queria que eu casasse com outra mulher. Disse-me então, como se eu não soubesse, que o Juwon já tinha quatro filhos, todos rapazes. E desta não vez não se ficou pelo Juwon e recordou-me também que todos os meus meios-irmãos já eram pais.

Quando já estava casado com a Yejide há dois anos, a minha mãe começou a aparecer no meu escritório todas as primeiras segundas-feiras de cada mês. Não vinha sozinha. Trazia sempre uma nova mulher consigo, uma potencial segunda mulher. Não faltou uma única segunda-feira. Nem quando estava doente. Tínhamos um acordo. Enquanto a deixasse trazer-me aquelas mulheres ao escritório, nunca embarçaria a minha mulher aparecendo lá em casa com uma das suas candidatas. Nunca falaria das suas intenções à Yejide.

Quando a minha mãe ameaçou começar a visitar a minha mulher todas as semanas com uma mulher nova caso eu não escolhesse uma no prazo de um mês, tive de tomar uma decisão. Sabia que a minha mãe não era mulher para fazer ameaças vãs. Também sabia que a Yejide não suportaria aquele tipo de pressão. Tê-la-ia destruído. Da série de raparigas que a minha mãe fez desfilar no meu escritório todos os meses, a Funmi foi a única que não insistiu em vir viver comigo e com a Yejide. A Funmi era a escolha óbvia porque não me pedia grande coisa. No princípio, não.

Era um compromisso fácil. Aceitou um apartamento independente, a quilómetros do nosso. Não me pediu mais do que um fim de semana por mês e uma mensalidade razoável. Concordou que nunca seria ela a acompanhar-me a festas e compromissos públicos.

Depois de aceitar casar com ela, não vi a Funmi durante meses. Dizia-lhe que andava muito ocupado lá no trabalho e que não poderia visitá-la durante uns tempos. Alguém a deve ter convencido com a história de que «uma esposa paciente acaba por conquistar o coração do marido». Não discuti comigo. Limitou-se a esperar que eu assimilasse o facto de que ela agora também fazia parte da minha vida.

Com a Yejide fora tudo muito mais imediato. No primeiro mês depois de nos conhecermos, fazia todos os dias duas horas de carro para estar com ela. Saía do escritório às cinco e passava uma meia hora a conduzir até Ife. Demorava outro quarto de hora a atravessar a cidade até chegar aos portões da universidade. Normalmente, uma hora depois de ter saído de Ilesa, estava a entrar na F101 de Moremi Hall.

Fiz isto todos os dias até que, numa dessas tardes, a Yejide saiu para o corredor e fechou a porta do quarto em vez de me deixar entrar. Disse-me para nunca mais voltar. Que não me queria voltar a ver. Mas eu não desisti. Nos 11 dias seguintes, fui para a F101, sorrindo às suas colegas de residência, tentando convencê-las a deixar-me entrar.

Ao 12.º dia, ela veio à porta. Saiu e ficou ali comigo, especada no corredor. Permanecemos assim, lado a lado, enquanto eu lhe suplicava que me dissesse que mal é que lhe fizera. Uma mixórdia de cheiros das casas de banho e das kitchenettes flutuava na nossa direção.

Acontecia que a rapariga com quem andara a sair antes de a conhecer fora ao quarto da Yejide ameaçá-la. A rapariga afirmava que nos tínhamos casado nos termos tradicionais.

— Eu não sou polígama — disse a Yejide na tarde em que finalmente me contou o que se passava.

Qualquer outra rapariga teria andado às voltas para dizer que queria ser a única mulher do seu marido. Mas não a Yejide, ela era direta, frontal.

— Eu também não sou — disse-lhe.

— Olha, Akin. Vamos só esquecer isto. Esta coisa... nós. Esta coisa.

— Eu não sou casado. Olha para mim. Vá lá, olha para mim. Se quiseres, vamos agora mesmo ao quarto dessa rapariga e confronto-a, peço-lhe para mostrar as fotografias do casamento.

— Ela chama-se Bisade.

— Tanto me faz.

A Yejide ficou calada um bom bocado. Encostou-se à porta, observando as pessoas que iam e vinham pelo corredor.

Pus-lhe uma mão no ombro, ela afastou-se.

— Está bem, fui uma idiota — disse ela.

— Deves-me um pedido de desculpas — disse eu.

Não falava a sério. A nossa relação ainda estava na fase em que não importava quem tinha ou não razão. Ainda não chegáramos àquele ponto em que decidir quem é que tinha de pedir desculpas a quem iniciava uma nova briga.

— Desculpa, mas tu sabes que as pessoas inventam todo o tipo de... Desculpa.

Aproximou-se de mim.

— Tudo bem.

Sorri de orelha a orelha quando o seu polegar começou a desenhá-los círculos invisíveis no meu braço.

— Bom, Akin. Agora podes confessar-me todos os teus segredos, limpos ou sujos. Talvez uma mulher com filhos teus algures...

Havia coisas que lhe poderia ter contado. Que lhe deveria ter contado. Sorri.

— Tenho umas quantas meias e cuecas sujas. E tu? Alguma cuequinha suja?

Abanou a cabeça.

Por fim, pronunciei as palavras que, desde o início, me dançavam na ponta da língua... ou uma versão das mesmas. Disse-lhe:

— Yejide Makinde, eu vou casar contigo.

CAPÍTULO 4

Durante algum tempo não aceitei o facto de me ter convertido numa *primeira* mulher, uma *iyale*. A Iya Martha era a primeira mulher do meu pai. Em criança, achava que ela era a mulher mais infeliz da família. Os anos não me fizeram mudar de opinião. No funeral do meu pai, plantou-se ao lado da cova acabada de escavar, com o seu cenho franzido ainda mais franzido, e amaldiçoou cada uma das mulheres com que o meu pai casara depois dela. Como sempre, começara pela minha mãe há muito morta, posto que era a segunda mulher com que ele casara, aquela que fizera da Iya Martha uma primeira entre outras não-tão-iguais.

Recusei pensar em mim mesma como uma primeira mulher.

Era fácil fingir que a Funmi nem sequer existia. Continuava a acordar com o meu marido ao lado, de barriga para cima, escarrapachado, com uma almofada sobre a cara para amortecer a luz do candeeiro da minha mesa de cabeceira. Beliscava-lhe o pescoço até ele se levantar e dirigir à casa de banho, respondendo ao meu «bom dia» com um aceno de mão ou um menear da cabeça. Acordava sempre confuso, incapaz de juntar duas palavras antes de um café ou de um duche frio.

Um par de semanas depois de a Funmi vir pela primeira vez à nossa casa, o telefone tocou pouco antes da meia-noite. Quando me sentei na cama já o Akin percorrera meio quarto. Puxei duas vezes o cordão do candeeiro da minha mesa de cabeceira e acenderam-se todas as suas quatro lâmpadas, inundando o quarto de luz. O Akin tinha atendido o telefone e franzia a testa enquanto ouvia a pessoa do outro lado da linha.

Depois de desligar, veio sentar-se ao meu lado na cama.

— Era o Aliyu, o diretor de operações do escritório central de Lagos. Ligou para dizer para amanhã não abriremos o banco aos clientes. — Suspirou. — Houve um golpe de Estado.

— Meu Deus! — exclamei.

Ficámos sentados em silêncio durante um bocado. Perguntava-me se teriam matado alguém, se os próximos meses seriam de caos e violência. Embora fosse demasiado nova para me lembrar do sucedido, sabia que o golpe de 1966 acabara por atirar o país para uma guerra civil. Consolei-me pensando em como a tensão após o último golpe, que fizera do General Buhari chefe de Estado há apenas 20 meses, se dissipara em poucos dias. O país decidira então que estava farto da corrupção do governo civil que Buhari e os seus colegas tinham derrubado.

— Mas já é certo que os golpistas foram bem-sucedidos?

— Parece que sim. O Aliyu diz que já prenderam o Buhari.

— Esperemos que não matem ninguém.

Puxei o cordão do candeeiro uma vez, apagando três das lâmpadas.

— Que país! — suspirou Akin, levantando-se. — Vou lá abaixo outra vez ver se as portas estão bem fechadas.

— Então, e agora quem é que manda? — Reclinei-me na cama, embora não fosse capaz de voltar a dormir.

— Sobre isso não me disse nada. Devemos ficar a saber de manhã.

De manhã não ficámos a saber nada. Houve uma emissão às seis em que um oficial do exército condenava o governo anterior, nada dizendo sobre o novo. O Akin saiu para o escritório quando a emissão terminou para chegar ao trabalho antes de estalarem quaisquer protestos. Eu permaneci em casa, sabendo de antemão que as minhas cabeleireiras estagiárias não viriam ao salão depois de ouvirem as notícias da manhã. Deixei o rádio ligado e tentei telefonar a todas as pessoas que conhecia em Lagos para confirmar que estavam bem, mas nessa altura já tinham cortado as linhas telefónicas e não consegui falar com elas. O Akin já estava em casa à hora em que acordei. Foi ele quem me informou que Ibrahim Babangida era o novo chefe de Estado.

A coisa mais estranha das semanas seguintes foi que Babangida se referia a si mesmo, e passou a ser assim chamado, não apenas como chefe de Estado, mas também como presidente, como se o golpe contasse como uma eleição. Em geral, as coisas pareciam continuar como sempre e, tal como o resto do país, eu e o meu marido retomámos a nossa rotina habitual.

Na maior parte dos dias úteis, o Akin e eu tomávamos o pequeno-almoço juntos, normalmente ovos cozidos, torradas e muito café. Gostávamos do café igual, em canecas vermelhas que combinavam com as florezinhas dos individuais, sem leite e com dois torrões de açúcar. Ao pequeno-almoço discutíamos os planos para o dia que tínhamos pela frente. Falávamos em arranjar alguém que reparasse as goteiras do teto da casa de banho, debatíamos sobre os homens que Babangida nomeara para o Conselho Nacional de Ministros, considerávamos assassinar o cão do vizinho que não parava de uivar durante toda a noite e decidíamos se a nova margarina que estávamos a experimentar era demasiado gordurosa. Não falávamos da Funmi; nem sequer mencionávamos o seu nome por acaso. Depois de comermos, levávamos juntos os pratos para a cozinha e deixávamos-los na pia para mais tarde. Depois, lavávamos as mãos, dávamos um beijo e voltávamos para a sala. Ali, o Akin apanhava o casaco, punha-o ao ombro e saía para o trabalho. Eu subia e tomava um banho e depois ia para o meu salão, e assim continuámos, durante dias que se transformaram em semanas, semanas que se converteram num mês, como se naquele casamento ainda só existíssemos nós.

Então, um dia, depois de o Akin sair para o trabalho, quando subi ao andar de cima para tomar o meu banho descobri que parte do teto ruíra. Naquela manhã chovia e a pressão da muita água acumulada devia ter atravessado o asbesto já antes alagado, rachando a zona da goteira ao meio, de modo que a água se derramava através dela por sobre a banheira. Ainda assim, tentei arranjar forma de me lavar naquela banheira, porque nunca usara qualquer das outras casas de banho da casa desde que nos casáramos. Mas a chuva não parava de cair e o asbesto derruído estava numa posição que parecia feita

mesmo à medida para que eu não coubesse em nenhum canto da minha própria banheira sem me cair em cima chuva ou destroços de madeira e restos de metal que entravam lá com a água.

Depois de ligar para o escritório do Akin e deixar um recado à secretária sobre o telhado, pela primeira vez na minha vida tive de tomar banho na casa de banho das visitas, ao fundo do corredor da entrada. E ali, num espaço que me era estranho, considerei a possibilidade de acabar talvez por ter de tomar banho muitas vezes naquele mínimo polibã caso a Funmi decidisse começar a aparecer mais vezes e insistisse em passar a noite no quarto principal. Enxaguei os restos de espuma e regressei ao quarto principal, o meu quarto, e vesti-me para ir para o trabalho. Quando verifiquei o estado da casa de banho antes de descer, percebi que não havia mais estragos e a água ainda jorrava diretamente sobre a banheira.

Quando abri o guarda-chuva e saí apressada em direção ao carro, o aguaceiro era já torrencial. O vento forte fazia os possíveis por me arrancar o guarda-chuva. Quando entrei no carro, tinha os sapatos molhados. Tirei-os e calcei os chinelos rasos que usava para conduzir. Ao rodar a chave na ignição, não aconteceu nada, só um clique inútil. Tentei uma e outra vez, sem qualquer sorte.

Nunca tivera qualquer problema com o meu fiel *Carocha* azul desde que o Akin mo oferecera após o casamento. Ele levava-o regularmente à oficina e via o óleo e essas coisas todas uma vez por semana. Lá fora, continuava a chover a cântaros e não fazia sentido ir a pé até ao salão, mesmo não sendo muito longe do condomínio. O vento tinha arrancado já vários ramos das árvores do jardim frontal dos nossos vizinhos e ter-me-ia escangalhado o guarda-chuva numa questão de minutos. De maneira que fiquei sentada no carro, observando o modo como os ramos lutavam contra o vento até se partirem e caírem ao chão, ainda verdes e frondosos.

A Funmi irrompia nos meus pensamentos em momentos assim, momentos que não se submetiam à minha rotina. E pela cabeça passava-me a ideia de me ter convertido também eu numa dessas mulheres que mais tarde ou mais cedo acabariam por ser tidas como

demasiado velhas para acompanharem o marido às festas. Mesmo assim, conseguia encurralar esses pensamentos e mantê-los enjaulados num recanto da minha mente, num lugar onde não pudessem estender as suas asas e apoderar-se da minha vida.

Naquela manhã, tirei um bloco de notas da mala e comecei a escrever a lista dos novos produtos que faziam falta lá no salão. Fiz um orçamento para a expansão que planeava levar a cabo, com novos espaços. Não fazia qualquer sentido pôr-me a pensar na Funmi: o Akin garantiria-me que não seria um problema e não acontecera ainda nada que provasse o contrário. Mas não disse nada sobre a Funmi às minhas amigas. Quando falava com a Sophia ou com a Chimdi ao telefone, era sobre o meu negócio, os bebés delas e a promoção do Akin no trabalho. A Chimdi era mãe solteira e a Sophia terceira esposa. Achava que nenhuma delas me poderia dar qualquer conselho útil sobre a minha situação.

Um teto implodido e um carro que não arrancava: se o dia dela tivesse começado assim, a Iya Martha teria voltado para o quarto e passado o dia inteiro atrás de portas trancadas e janelas fechadas, porque o universo tentava dizer-lhe algo. Eu não era a Iya Martha, pelo que, quando a chuva abrandou até se transformar numa morrinha, rodei uma última vez a chave na ignição e saí do carro ainda com os chinelos calçados. Com a mala ao ombro, o guarda-chuva numa mão e os sapatos molhados na outra, fui a pé para o trabalho.

O meu salão guardava o calor de várias mulheres. Mulheres que se sentavam nas cadeiras almofadadas e se submetiam ao domínio e capricho do pente de madeira e do secador em forma de capacete, às minhas mãos e às mãos das cabeleireiras que estava a instruir. Mulheres que liam tranquilamente um livro, mulheres que me chamavam «querida irmã», mulheres que contavam piadas muito alto e que me faziam rir dias a fio. Adorava aquele sítio: os pentes, os rolos, os espelhos em todas as paredes.

Comecei a ganhar algum dinheiro como cabeleireira no primeiro ano em que frequentei a Universidade de Ifé. Como a maior parte

das caloiras, estava hospedada em Mozambique Hall. Depois de me mudar para aquela residência, passei todas as tardes da primeira semana a andar de quarto em quarto, dizendo às outras raparigas que lhes podia fazer as tranças por metade do preço que pagariam a uma cabeleireira profissional. Tudo o que tinha era um pente de madeira e enquanto vivi na universidade a única coisa em que investi foi numa cadeira de plástico para sentar as minhas clientes. Aquela cadeira foi a primeira coisa que embalei quando me mudei para Moremi Hall no segundo ano. Não ganhava o suficiente para comprar um secador, mas antes de acabar o terceiro ano o dinheiro que fazia já chegava para pagar as minhas despesas. E, assim, não precisava de passar fome de cada vez que a Iya Martha decidia ficar com a mesada que o meu pai me mandava por ela.

Mudei-me para Ilesa depois de casar e, embora fosse de carro até Ife para assistir às aulas durante a semana, era impossível manter o negócio do salão como até então. Durante uma temporada não ganhei nada. Não que precisasse: além do que recebia por tratar da casa, o Akin dava-me uma generosa mensalidade para as minhas despesas pessoais. Mas sentia falta do cabeleireiro e não me agradava a ideia de que, se por qualquer razão o Akin deixasse de me dar dinheiro, não seria capaz sequer de comprar um pacote de pastilhas elásticas.

Durante os primeiros meses de casados, a irmã do Akin, a Arinola, era a única mulher a quem fazia as tranças. Oferecia-se muitas vezes para pagar, mas eu recusava o dinheiro dela. Ela não gostava dos penteados demasiado elaborados e pedia-me para lhe fazer o clássico *suku*. Ao cabo de um tempo, fazer tranças com as suas madeixas em linhas retas que culminavam no meio da sua cabeça acabou por me aborrecer. Então, convenci-a deixar-me passar dez horas a fazer-lhe mil pequeninas tranças no cabelo. Uma semana depois, as colegas da Arinola da Faculdade de Educação imploravam-lhe que lhes apresentasse a sua cabeleireira.

No princípio, atendi o crescente fluxo de mulheres debaixo de um cajueiro no jardim das traseiras da nossa casa. Mas o Akin depressa encontrou um espaço para o salão e disse-me que era perfeito.

Eu estava relutante em abrir um salão a sério, porque sabia que só conseguiria trabalhar nele aos fins de semana, enquanto não acabasse o curso. O Akin convenceu-me a dar uma vista de olhos ao espaço que encontrara e assim que pus os pés naquele sítio percebi que era, de facto, perfeito. Tentei conter o entusiasmo, dizendo-lhe que não era sensato gastarmos dinheiro num espaço que estaria fechado cinco dias por semana. Ele adivinhou os meus pensamentos e, umas horas mais tarde, estávamos de mãos dadas na sala de estar do proprietário, enquanto o Akin negociava a renda.

Era o mesmo espaço que usava quando ele casou com a Funmi. E naquela manhã, apesar de ter chegado mais tarde do que o habitual por causa da chuva e do problema com o carro, fui, ainda assim, a primeira a entrar no salão. Nenhuma das minhas estagiárias estava por ali quando abri as portas. Costumavam chegar antes de mim para prepararem tudo para a jornada de trabalho, mas, quando acendi as luzes, o tamborilar da chuva aumentou de velocidade até soar quase como uma centena de cascos de cavalo a galopar no telhado. Era pouco provável que as raparigas conseguissem atravessar a cidade antes de a chuva voltar a abrandar.

Liguei o rádio que o meu pai me oferecera quando fui para a universidade. Estava já partido em vários sítios, mas colara-o com fita adesiva. Rodei o botão até sintonizar uma estação que passava uma música que não conhecia. Depois, comecei a preparar champôs e pomadas, géis e modeladores de cabelo, bacias com alisadores e potes com laca.

Não me dei ao trabalho de verificar se a chuvada me tinha estragado as tranças, apesar do guarda-chuva. Se me olhasse ao espelho, teria de examinar a forma do meu rosto, os meus olhos pequenos, o meu grande nariz, todas as possíveis imperfeições na ponta do queixo ou nos meus lábios, todos os diversos pretextos para que qualquer homem, e o Akin em particular, achasse a Funmi mais atraente. Não tinha tempo para me entregar à autocomiseração, pelo que continuei a trabalhar. Manipular aqueles instrumentos fazia com que os meus pensamentos se focassem no cabelo.

Quando a chuva parou, as raparigas começaram a aparecer a conta-gotas. A última chegou mesmo antes da nossa primeira cliente. Peguei num pente de madeira, fiz um risco ao meio no cabelo da mulher, introduzi dois dedos na pomada pegajosa e dei início ao meu dia de trabalho. O cabelo dela era grosso e abundante, os anéis rangiam suavemente enquanto os entrelaçava em diminutas fiadas que se uniam na nuca. Havia quatro pessoas à espera quando acabei. Passei de uma cabeça a outra, separando cabelos, fazendo tranças aos padrões, cortando pontas estragadas e aconselhando as estagiárias. Era a felicidade total. O tempo voava e de repente já passava bastante do meio-dia. Quando fiz uma pausa para almoçar, já me doíam os pulsos. Durante a manhã, quase todas tinham querido tranças e extensões, e muito poucas uma simples lavagem e um penteado.

Nessa tarde, decidi comer arroz cozido em folhas de *eeran* com estufado de óleo de palma. Havia uma mulher lá na rua que fazia aquilo tão bem que, depois de degustar os pedacinhos de peixe fumado e pele de vaca do estufado, tinha sempre de refrear o ímpeto de lamber as folhas até as deixar completamente limpas. Era o tipo de comida que exigia um momento de pausa depois de esvaziarmos o prato, e gerava um nível de satisfação tal que me deixava a olhar para o vazio enquanto todo o salão fervia à minha volta. Lá fora, o céu era ainda de um anil ameaçador, embora a chuva tivesse finalmente parado. O ar frio penetrava no cabeleireiro em rajadas e lutava com os secadores, interferindo com a temperatura da sala.

Pensei que era uma cliente quando entrou. Ficou parada por um instante à porta da entrada, com o céu carregado pairando atrás dela como um mau agoiro. Olhou à volta com cara de poucos amigos, até que me viu. Então, sorriu e veio ajoelhar-se ao meu lado. Era tão bela. Tinha o tipo de rosto a que ficaria bem qualquer penteado, um rosto que faria com que as outras mulheres a olhassem com inveja no mercado, um rosto que levaria algumas delas a perguntar-lhe quem era a sua cabeleireira.

— Bom dia, nossa mãe — disse a Funmi.

As palavras dela trespassaram-me. Eu não era mãe dela. Eu não era a mãe de ninguém. As pessoas continuavam a chamar-me Yejide. Não era *Iya* isto ou *Iya* aquilo. Continuava a ser simplesmente Yejide. Aquele pensamento atou-me a língua e fez-me desejar arrancar-lhe a dela da boca. Anos antes, nada me teria impedido de lhe dar um murro nos dentes até lhos enfiar na garganta. Quando andava na escola secundária feminina de Ife, era conhecida como Yejide, o terror. Metia-me em rixas dia sim, dia sim. Naquela época, esperávamos que as aulas acabassem para começarmos as brigas. Afastávamo-nos do recinto da escola e procurávamos um trilho por onde não passasse nenhum professor no caminho de volta a casa. E eu ganhava sempre. Nem uma vez, nem uma única vez, perdi. Fiquei sem uns quantos botões, parti um dente, deixaram-me a sangrar do nariz várias vezes, mas nunca perdi. Nunca me deitaram por terra.

Sempre que chegava a casa tarde e ensanguentada depois da enésima briga, as minhas madrastas descompunham-me aos gritos e prometiam castigar-me por causa do meu vergonhoso comportamento. À noite murmuravam, com os páreos enrolados à volta dos peitos gastos, bichanando instruções aos filhos para não se parecerem comigo. Afinal, os filhos delas tinham mães, mulheres vivas que blasfemavam e cozinhavam, tinham os seus negócios e as suas axilas espessamente peludas. Só os órfãos de mãe, como eu, se podiam comportar assim tão mal. E não era só não ter mãe, mas ser filha de uma que morreu segundos depois de me dar à luz, e que, ainda por cima, era uma mulher sem linhagem! E quem é que engravidaria uma mulher sem qualquer linhagem? Só um homem estúpido, que por acaso até era, bom, marido delas. Mas não era essa a questão. A questão era que, quando uma criança não tinha nenhuma linhagem identificável, essa criança poderia descender de qualquer coisa, até de um cão, de uma bruxa, ou de alguma estranha tribo de sangue ruim. Os filhos da terceira mulher tinham evidentemente sangue ruim, visto que havia numerosos casos de loucura na família dela. Mas, pelo menos, era um sangue ruim conhecido. O meu (possível) sangue ruim era de origem desconhecida, e isso era pior, como provava

o facto de estar sempre a desonrar o meu pai em rixas de rua qual cadela vadia.

As conversas bichanadas nos quartos independentes que cada esposa partilhava com os seus filhos acabavam por me chegar aos ouvidos, minuciosamente detalhadas, através dos meus meios-irmãos. Aquelas palavras não me incomodavam, eram só um jogo em que as mulheres se entretinham pretendendo provar qual delas produzira uma superior estirpe de filhos. O que me incomodava era as ameaças que nunca se cumpriam, mesmo quando as minhas rixas se converteram num facto quotidiano. Era as vergastadas que nunca me davam, as tarefas extraordinárias que nunca me atribuíam, os jantares que não me tiravam. Isso é que me lembrava que, de facto, nenhuma delas queria saber.

— Nossa mãe? — repetiu Funmi. Continuava ajoelhada.

Engoli as memórias como um gigantesco e amargo comprimido. A Funmi pousara-me as mãos no regaço. Tinha as unhas perfeitamente tratadas, pintadas de um vermelho-hibisco, como os conjuntos de chávenas que o Akin e eu usáramos para tomar café nessa mesma manhã.

— Nossa mãe?

Eu já nunca pintava as unhas. Costumava fazê-lo quando andava na universidade. Teriam sido as unhas a atraí-lo nela? Como é que ele se sentia quando ela lhe passava aquelas belas unhas pelo peito? Endurecer-se-lhe-iam os mamilos? Gemeria? Eu queria... não... eu tinha de saber imediatamente, detalhadamente. Que obtivera ela dele que até então fora exclusivamente meu? Que teria tido ela que eu nunca tivesse tido? Um filho?

— Nossa mãe?

— Quem é a tua mãe? Se fosse a ti levantava-me e era já — disse eu.

Havia uma cadeira vazia perto de mim, mas optou por se sentar no braço da minha.

— Que estás aqui a fazer? Quem é que te falou deste sítio? — sussurrei, porque parara o rumor de fundo das conversas entre as clientes e as cabeleireiras.

Alguém desligara o rádio e o salão mergulhara no silêncio.

– Lembrei-me simplesmente de te vir cumprimentar.

– A esta hora do dia? Tu não trabalhas? – Era um insulto, mas interpretou-o como uma pergunta.

– Não-o. Não trabalho, o nosso marido garante que não me falta nada.

A sua voz aumentou de intensidade ao pronunciar «o nosso marido», e era óbvio que todas as presentes a tinham ouvido. As cadeiras rangeram, as clientes reviravam-se nos seus assentos, inclinando-se para trás tanto quanto podiam, tentando ouvir a conversa.

– O quê?

– O nosso marido é um homem muito generoso. Tem tratado muito bem de mim. Graças a Deus tem dinheiro suficiente para todas nós.

Sorriu para o alto da minha cabeça. Fulminei com os olhos o seu reflexo no espelho que tínhamos à nossa frente.

– Dinheiro suficiente para quê?

– Para nós, mãe nossa. É para isso que um homem trabalha, *abi*? Para as suas mulheres e filhos.

– Algumas de nós trabalham – repliquei, cerrando os punhos com força, caídos ambos ao lado do meu corpo. – Tens de sair para que eu possa fazer o meu trabalho.

Ela sorriu para o espelho.

– Venho visitar-te amanhã à tarde, *ma*. Talvez a essa hora estejas menos ocupada.

Será que esperava que lhe devolvesse o sorriso?

– Funmi, que eu nunca mais volte a ver aqui as tuas pernas de pau de virar tripas.

– Nossa mãe, não há necessidade de tudo isto-o. Temos de ser amigas. Pelo menos para bem dos filhos que vamos ter. – Ajoelhou-se de novo. – Sei que as pessoas dizem que és estéril, mas não há nada que Deus não consiga. Sei que, quando eu conceber, também o teu ventre desabrochará. Se me dizes para não vir aqui, não virei,

mas quero que saibas que essa tua amargura pode bem ser uma das causas da tua esterilidade-o. Adeus, *ma*.

Sorriu, levantando-se e dando meia-volta para sair.

Levantei-me e agarrei-a pela parte de trás do vestido.

— Tu! Sua desgraçada... maldita *egbere*. A quem é que estás a chamar estéril?

Não estava preparada para o confronto. Até o meu insulto era pouco certo. A Funmi não tinha qualquer semelhança com a mitológica *egbere*. Não era baixa, não andava com uma esteira atrás, nem estava sempre a chorar. Na verdade, quando virou a cara para olhar para mim, sorria. E eu vi-me cercada por clientes e cabeleireiras antes de conseguir desferir-lhe a primeira estalada na cara.

— Deixa-a em paz — disseram elas. — Deixa-a ir.

Puxaram-me as mãos, soltando o vestido da Funmi, e empurraram-me, obrigando-me a sentar novamente.

— Querida irmã, por favor, calma. Tem calma.

Yejide e Akin estão casados desde os tempos de faculdade, onde se conheceram e apaixonaram. Agora, decorridos vários anos, Yejide espera por um milagre: uma criança. É o que o seu marido quer, e o que a sociedade espera dela – e, entre consultas de fertilidade, curandeiros e tisanas, Yejide tem feito tudo o que pode para consegui-lo. A família de Akin, no entanto, começa a dar sinais de impaciência, e quando sugerem ao jovem casal acolher em casa uma segunda esposa, mais jovem, os dois percebem que terão de encontrar uma solução rapidamente.

Percorrendo os anos turbulentos da Nigéria da década de 1980 até aos nossos dias, *Fica Comigo* é uma história sobre a fragilidade do amor conjugal e do colapso da família sob o peso exasperante da maternidade, bem como da contradição de valores que coexistem no interior de uma mesma sociedade.

«Ao mesmo tempo, uma parábola sobre orgulho e traição, e um retrato profundamente atual e comovente de um casamento.»

The New York Times

«Adébáyò desvela com clareza e talento as diferentes camadas da verdade.»

The Times

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-999-8864-43-7  9 789898 864437 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	